

A POTÊNCIA DO PATRIMÔNIO PELO OLHAR DAS PESSOAS NO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS/RS E NO MUSEU HISTÓRICO DE MORRO REDONDO/RS

MAURÍCIO ANDRÉ MASCHKE PINHEIRO¹; JOSÉ PAULO SIEFERT BRAHM²;
DIEGO LEMOS RIBEIRO³

¹Universidade de Pelotas – mauriciopinheiro685@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – josepaulobrahm@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dlrmuseologo@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Nos museus, localizados na cidade de Pelotas/RS e Morro Redondo/RS, o patrimônio se revela de diferentes formas, seja através de objetos históricos, fotografias, documentos ou até mesmo das histórias contadas por seus habitantes.

O Museu Gruppelli está localizado na Colônia Municipal em Pelotas/RS e foi fundado em 1998, a partir de uma vontade de memória da comunidade local. Este museu conta com acervo configurado aos modos de vida na zona rural. O Museu Histórico de Morro Redondo/RS, por sua vez, está instalado no Centro urbano da cidade e foi fundado em 2012 pelos Srs. Ervino, Antônio e Osmar, com o intuito de preservar as memórias da cidade. Ambos o Museu tem a parceria da Universidade Federal de Pelotas, na forma de projeto de extensão universitária.

A experiência de visitar os museus representam uma oportunidade única de aprendizado e intercâmbio cultural, em que o diálogo entre o passado e o presente se estabelece de maneira enriquecedora. Ao percorrer as exposições e participar de atividades educativas, cada visitante pode se conectar com a história local e se reconhecer como parte integrante desse contexto.

Além disso, é notável como esses museus são agentes de transformação social, contribuindo para o fortalecimento da identidade e autoestima da comunidade. Ao colocar em evidência as raízes culturais e reconstruir a memória individual e coletiva, eles estimulam o orgulho e incentivam práticas de preservação e valorização do contexto local.

Utilizaremos como foco central deste trabalho o estudo da patrimonialidade. DAVALLON (2014), coloca em análise a emergência de novos patrimônios, de um novo regime de patrimônio, em que a comunidade reconhece as potências patrimoniais do território (independentemente dos patrimônios consagrados). E como potência patrimonial, refere-se aos valores atribuídos aos bens pelas pessoas comuns.

TURGEON (2010) defende igualmente a ideia de um “regime de patrimonialidade”, que tem como objetivo atingir a imaterialidade patrimonial a partir de dinâmicas que envolvem os atores locais das produções de sentidos patrimoniais.

O objetivo dessa pesquisa é investigar e compreender a forma como as pessoas percebem e valorizam o patrimônio cultural em dois museus, o Museu Gruppelli em Pelotas/RS e o Museu Histórico de Morro Redondo/RS, mas também toda potência patrimonial do território onde os museus estão inseridos. A pesquisa busca analisar as experiências e percepções dos visitantes desses museus, com o intuito de compreender como as pessoas se conectam emocionalmente à paisagem cultural dos seus entornos.

2. METODOLOGIA

Para investigarmos a percepção das pessoas para o patrimônio fizemos uso da pesquisa exploratória, visto que buscamos uma visão geral sobre o fato. De acordo com GIL (2007), a pesquisa exploratória visa a maior aproximação, maior familiaridade com o problema, explicitando-o. Com um planejamento mais flexível, permite-se a consideração de variados aspectos.

Faremos uso do estudo de caso como método de pesquisa a ser aplicado no trabalho, considerando que estudaremos um caso específico: as pessoas, suas percepções e suas experiências. BRUYNE, HERMANN e SCHOUTHEETE (1977) afirmam que o estudo de caso justifica sua importância por reunir informações numerosas e detalhadas com vista em aprender a totalidade de uma situação.

Para reunirmos informações de maior relevância contribuindo para o tema o estudo de caso se mostra capaz de buscar um estudo mais profundo para o tema fizemos uso das entrevistas e a observação participante.

Observamos atores-locais que participaram de ações no Museu Gruppelli e Museu Histórico de Morro Redondo/RS onde tiveram relatos sobre os objetos expostos em ambos e olhares sobre as múltiplas facetas que o patrimônio pode se desenvolver dependendo do olhar de cada pessoa. As potências que a zona rural possui é considerável se vemos as categorias que poderiam ser desenvolvidas como: gastronomia, esporte, natureza, educação, etc. Continuamos ouvindo as pessoas para cada vez mais fazermos museus interativos entre público, acervo e equipe.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar o patrimônio, antes de tudo, é imprimir um olhar curioso sobre o objeto a ser preservado. A pergunta é necessariamente ontológica, com a finalidade de compreender a natureza mais humana e vital do patrimônio.

É justamente nessa relação, entre coisa e gente, que a tessitura do novelo se desenrola. Por isso, conforme alerta Meneses (1998), é vão buscar o sentido dos objetos nos objetos.

Vejamos uma experiência vivenciada no Museu Histórico de Morro Redondo e trazida por (RIBEIRO, 2022) em que a gamela integra o acervo da instituição. O valor está no cotidiano das pessoas da cidade que vivenciam sua vida bastante ativa em seus usos. Talvez o maior valor dessa gamela seja, justamente, sua trajetória biográfica (KOPYTOFF, 2010) e as memórias afetivas que podem ser despertadas dentro e fora do cenário museal.

As pesquisas da equipe do Museu sobre a gamela revelaram seus diversos usos ao longo do tempo. A gamela também desempenhou um papel importante no evento mensal chamado "Café com Memórias", que reúne idosos para discutir memórias relacionadas a objetos do Museu.

Durante o Café com Memórias, os participantes compartilham lembranças e experiências ao interagir com objetos, como a gamela. Isso desencadeia discussões e recordações que abrangem passado, presente, lugares e experiências compartilhadas. Um idoso, mesmo com Alzheimer, tem uma memória aparentemente melhor durante o evento e compartilha lembranças relacionadas a objetos rurais, como a gamela.

A partir desse exemplo, conseguimos ver que toda a potência que o patrimônio possui parte dos objetos como referenciais de memórias. Não à toa, o antropólogo Jean Louis Tornatore (2009) afirma que “considerar o patrimônio como

vestígio, não é mais do que cumprir a metade do caminho. É preciso seguir na via da imaginação: sem imaginação, não há patrimônio”.

As experiências comunitárias colocam em análise que o “patrimônio é hoje mais uma questão de afeto do que intelecto” (TOURGEON, 2014). Exatamente em razão desse desdobramento da categoria, e por sua potencialidade afetiva e emotiva, é possível pensar o patrimônio não como o espírito do Estado, mas como um estado de espírito. Contudo, no fundo da caixa, repousa a esperança de Pandora: a estima de que o patrimônio sirva para finalidades muito práticas, como um patrimônio para viver melhor (PRATS, 2005), um patrimônio para fins vitais (CHOAY, 2006).

É preciso manter essas patrimonialidades vivas, pulsando no território, mesmo porque “elas morrem muito depressa quando são apropriadas e codificadas por especialistas externos à população” (VARINE, 2013). Manter o patrimônio vivo exige um intenso trabalho memorial, conjugado com um esforço contínuo para a sua transmissão e aderência social, pois, como alerta Gonçalves (2007).

No Projeto de Extensão da UFPel no Museu Gruppelli, localizado no Sétimo Distrito de Pelotas/RS, no início das atividades na região, preferimos fazer um Museu com as pessoas e não para as pessoas. Então, ao invés de fechar o Museu, trabalhar em isolamento para, depois, (re)inaugurá-lo, preferimos fazer essa revitalização de portas abertas, em contato com as pessoas. Nesse trânsito de pessoas no Museu, enquanto requalificávamos a exposição, a gente não sabia quem era transeunte e quem era da localidade. Ao perceber que era uma pessoa de poucas palavras, o Professor Diego Lemos Ribeiro (colaborador do Projeto arriscou algumas perguntas ao Sr. João (barbeiro da localidade), por exemplo com o que ele mais se identificava. Sr. João, logo se abraçou na cadeira de barbeiro. A forma como o Sr. João falou sobre a cadeira é uma forma de se inserir no mundo, no tempo e no espaço vividos, posto que o objeto “fala sempre de um lugar, seja ele qual for, porque está ligado à experiência dos sujeitos com e no mundo, posto que eles representam uma porção significativa da paisagem vivida (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p.40)

Outro episódio ocorrido no Museu Gruppelli, que guarda referência com a memória afetiva, é o caso de uma senhora que entrou no Museu e começou a acariciar um Pilão, que é parte do acervo, naquele momento sentindo uma emoção patrimonial. Ela parecia envergonhada porque, em tese, as coisas no museu não são para tocar. Em outra ocasião, no mesmo Museu, uma senhora também chorou ao ver alguns objetos e fotos dispostos na ocasião. Ao findar a visita, pedimos para tirar uma foto dela em frente ao objeto que mais gostava. Ela respondeu que não gostava de fotos, mas parou bem na frente da carroça. Pois bem, não se trata, então, de algo externo, mas de uma cicatriz que também remete a memórias, à biografia da carroça e das pessoas que interagiram com ela em algum momento. Em março de 2019, a equipe do Museu fez uma entrevista com o cunhado do falecido doador da carroça. Ele falou na entrevista: “Olha, esse meu parente era muito mal-humorado e quando ele construiu a carroça estava em um dia de fúria e ele escreveu com raiva o mandão das cargas”. O mais interessante é saber que o mesmo objeto pode remeter a muitas histórias, às vezes conflitantes.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo, exploramos a forma como as pessoas percebem e valorizam o patrimônio cultural em dois museus distintos: o Museu Gruppelli, em Pelotas/RS, e o Museu Histórico de Morro Redondo/RS. Ao analisar as experiências e percepções dos visitantes em relação a esses espaços, destacamos a importância

de considerar o olhar das pessoas como um componente fundamental na preservação e promoção do patrimônio.

Ficou evidente que os museus desempenham um papel vital na construção da identidade cultural de uma região e na conexão das pessoas com seu passado. Além disso, as histórias pessoais compartilhadas pelos visitantes revelaram a riqueza das memórias e das narrativas que esses museus abrigam. O patrimônio cultural não é estático, mas sim um recurso dinâmico que evolui à medida que as pessoas interagem com ele.

Portanto, ao compreendermos a potência do patrimônio pelo olhar das pessoas, somos lembrados da necessidade contínua de envolver a comunidade local e os visitantes na preservação e na promoção desses espaços culturais. Os museus, como guardiões do patrimônio, têm a responsabilidade de criar experiências enriquecedoras que inspirem o interesse e o engajamento das pessoas, permitindo que o patrimônio cultural continue a prosperar e a enriquecer as vidas das gerações presentes e futuras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2006.

GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

ICOMOS. **Declaração de Québec: sobre a preservação do “Spiritu loci”**: assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Paris: Icomos, 2008.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, n.18, vol.37, p. 25-44, 2012.

PRATS, L. Concepto y gestión del patrimonio local. **Cuadernos de Antropología Social** No 21, pp. 17-35, 2005.

RIBEIRO, D.L. **O patrimônio na ponta do novelo**. AREA DOMENIU, v. 15, p. 19-29, 2023.

TORTANORE, J. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v. 1, n. 1, p. 1-15, dez. 2009.

TOURGEON, L. **Do material ao imaterial: novos desafios, novas questões**. **Geosaberes**. Fortaleza: UFC, v.5, número especial, dez.2014, p. 67-79.

VARINE, H. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento social**. Porto Alegre: Medianiz, 2013.